

## Ódio, Amizade, Namoro, Amor, Casamento

Anos atrás, antes de os comboios terem deixado de circular em muitos dos ramais, uma mulher de testa alta e sardenta, com uma ondulada cabeleira ruiva, entrou na estação para inquirir sobre o transporte de uns móveis.

O chefe de estação tinha o hábito de se meter um pouco com as mulheres, especialmente as feiotas, que pareciam apreciar a atitude.

«Móveis?», disse ele, como se a ideia fosse inaudita. «Bom. Vejamos. De que tipo de móveis estamos a falar?»

Uma mesa de sala de jantar e seis cadeiras. Uma mobília de quarto, um sofá, uma mesinha de café, mesas de canto, um candeeiro de pé. Além de uma cristaleira e um aparador.

«Eh lá! Isso é uma casa inteira.»

«Não me parece que chegue a tanto», disse ela. «Não há móveis de cozinha e a mobília de quarto é só uma.»

Os dentes da mulher agruparam-se todos à frente, como se estivesse a preparar-se para discutir com ele.

«Mais valia mandar por camião», disse ele.

«Não. Quero mandá-los por comboio. É para oeste, para Saskatchewan.»

Disse-o num tom muito alto, como se o homem fosse surdo ou estúpido, e havia algo de estranho na pronúncia dela. Um sotaque. O chefe de estação pensou que talvez fosse holandês — havia muitos holandeses a mudarem-se para aquela zona —, mas ela não tinha o corpaço típico das holandesas, nem a sua bela pele rosada ou os ca-

belos loiros. Devia ter menos de quarenta anos, mas que importância tinha? Não era nenhuma beldade, isso não.

O chefe de estação assumiu um ar profissional.

«Primeiro é preciso mandar um caminhão para os trazer para aqui. E convém verificar se o comboio passa pelo local de destino, em Saskatchewan. Caso contrário, terá de arranjar quem os recolha, digamos, em Regina.»

«É em Gdynia», disse ela. «O comboio passa lá.»

Ele pegou num guia muito enebado que pendia dum prego na parede e perguntou-lhe como se escrevia a palavra. A mulher deitou a mão a um lápis que estava também amarrado a um fio e escreveu num pedaço de papel que retirou da carteira: GDYNIA.

«Que nacionalidade é esta?»

Ela disse que não sabia.

O chefe de estação pegou no lápis e começou a percorrer as linhas.

«Nessa região não faltam terras com nomes checos ou húngaros ou ucranianos», comentou ele. Ao dizer isto, ocorreu-lhe que a mulher podia ser de uma destas nacionalidades. Mas que importância tinha? Não fizera mais do que constatar um facto.

«Cá está, sim senhora. Está na linha.»

«Sim», disse ela. «Gostava de os enviar na sexta-feira — pode ser?»

«Podemos despachá-los, mas não lhe posso dizer em que dia chegam», disse ele. «Tudo depende das prioridades. Vai estar alguém à espera do outro lado?»

«Sim.»

«O de sexta é um comboio misto, sai às duas e dezoito da tarde. O caminhão passa na sexta de manhã para os recolher. Mora cá na vila?»

Ela acenou com a cabeça e escreveu a direção. Exhibition Road, 106.

Na vila, só recentemente as casas tinham passado a ter números, e ele não estava a ver que casa seria, embora conhecesse a rua. Se na altura a mulher tivesse mencionado o nome McCauley, é possível que ele mostrasse maior interesse, e as coisas podiam ter tomado outro rumo. Havia uma série de moradias novas na zona, construídas depois da guerra, embora as pessoas lhes chamassem «casas do tempo da guerra». O chefe da estação supôs que se tratasse de uma dessas.

«O pagamento é feito aquando do embarque», disse-lhe ele.

«Além disso, quero um bilhete para mim no mesmo comboio. Sexta à tarde.»

«Para o mesmo local?»

«Sim.»

«Pode viajar no mesmo comboio até Toronto, mas aí tem de esperar pelo Transcontinental, que parte às dez e meia da noite. Quer carruagem-cama ou carruagem simples? Na carruagem-cama tem um beliche, na outra tem de viajar sentada.»

Ela disse que viajava sentada.

«Em Sudbury terá de esperar pelo comboio de Montreal, mas não precisa de sair da carruagem, eles mudam-na de linha e engatam-na no comboio de Montreal. Depois passam por Port Arthur, e a seguir por Kenora. Mas só precisa de sair em Regina, e aí apanha o regional.»

Ela acenou com a cabeça, como sugerindo que ele lhe entregasse agora o bilhete.

AbRANDANDO, ele disse: «Mas não lhe prometo que os móveis cheguem consigo, o mais provável é que cheguem um ou dois dias depois. Tudo depende das prioridades. Vai estar alguém à sua espera?»

«Sim.»

«Ótimo. Porque a estação não há de ser grande coisa. Naquela região as povoações não são como as de cá. É tudo muito primitivo.»

Ela pagou então os bilhetes, retirando o dinheiro de um rolo de notas que trazia na malinha de mão, envoltas num saquinho de pano. Como uma velhota. E, também como uma velhota, conferiu o troco. Mas não como uma velhota o faria — passou por ele os olhos, na palma da mão, mas percebia-se que não lhe escapara um cêntimo. Depois virou as costas e saiu sem se despedir, indelicadamente.

«Até sexta», disse o homem.

Apesar da calidez daquele dia de setembro, ela vestia um casaco comprido, castanho-claro, trazia uns pesados sapatos de lacinho e meias pelo tornozelo.

O chefe da estação estava a verter café numa garrafa-termo quando a mulher voltou e bateu no postigo da bilheteira.

«A mobília que vou expedir», disse ela, «é muito boa e está como nova. Não quero que chegue lá toda riscada ou partida ou danificada. E também não quero que cheire a gado.»

«Bom», disse ele. «A companhia tem muita experiência no transporte de coisas. E os móveis nunca são transportados nos mesmos vagões onde vão os porcos.»

«A mim só me interessa que cheguem no mesmo estado em que saíram daqui.»

«Bom, a senhora comprou a mobília numa loja, certo? E como é que acha que ela chegou lá? Não foi fabricada na loja, pois não? Foi feita numa fábrica qualquer, e de lá foi enviada para a loja, e o mais provável é que tenha sido despachada de comboio. Portanto, penso que se pode confiar em que a companhia sabe o que faz, não?»

Ela continuou a olhar para ele, sem um sorriso ou qualquer admisão de que tais preocupações seriam tontices de mulher.

«Espero que sim», disse ela. «Espero que saibam.»

Se lhe perguntassem, o chefe da estação afirmaria automaticamente conhecer toda a gente na vila. O que, na prática, significava que conhecia cerca de metade dos seus habitantes. E a maioria destes pertenciam ao núcleo duro, ou seja, não era gente que tivesse chegado à vila ontem, ou que estivesse de passagem. Se ele não conhecia a mulher que ia para Saskatchewan, era porque esta não frequentava a sua igreja, nem era professora dos seus filhos, nem trabalhava em qualquer loja ou restaurante ou escritório que ele costumasse frequentar. Também não era casada com nenhum indivíduo que ele conhecesse dos Elks ou da Mutuality ou do Lions Club ou da Associação de Veteranos. Um relance à sua mão esquerda, ao entregar o troco, deu-lhe a perceber que ela não era casada, o que não o surpreendeu. Com aqueles sapatos, meias pelos tornozelos em vez de colãs, e sem chapéu nem luvas em plena tarde, a mulher podia passar por uma lavra-deira. Mas não mostrava a hesitação ou o acanhamento típico destas. Não tinha maneiras de mulher do campo — aliás, não tinha maneiras nenhuma. Tratara-o como se ele fosse uma máquina de informações. Além de que dera uma morada da vila — Exhibition Road. Quem ela realmente lhe fazia lembrar era uma freira à paisana que ele vira na televisão a falar do trabalho de missionário que fazia algures na selva, onde não costumavam usar o hábito, talvez porque este lhes dificultaria os movimentos. A freira em questão sorria de vez em quando,

para mostrar que a religião trazia a felicidade às pessoas, mas na maior parte do tempo olhara para o público como se acreditasse que os outros estavam no mundo para lhe obedecer.

Havia uma outra coisa que Johanna pretendia fazer, mas andava a adiá-la. Tinha de ir a uma loja de roupa chamada Milady's para comprar um fato. Nunca entrara nessa loja — quando precisava de comprar alguma coisa, como meias, ia antes ao Callaghans — Roupa para Homem, Senhora e Criança. Ela tinha muita roupa que herdara da Sra. Willets, peças como aquele casaco durariam para sempre. E Sabitha — a rapariga de quem ela tomava conta, em casa do Sr. McCauley — estava sempre a receber sobras de roupa dos primos.

Na montra da Milady's havia dois manequins com saias bastante curtas e casacos curtos. Um dos fatos tinha um tom entre dourado e cor de ferrugem e o outro era verde-escuro. Espalhadas aos pés dos manequins, ou coladas aqui e ali na montra, viam-se umas enormes folhas de ácer recortadas em papel, de gosto duvidoso. Numa época do ano em que a maior preocupação de muita gente era varrer folhas caídas e queimá-las, naquela loja elas eram bem-queridas. Sobre o vidro, colado na diagonal, um cartaz com sinuosas letras pretas dizia: *Elegância Simples, a Moda deste Outono.*

Johanna abriu a porta e entrou.

Mesmo à sua frente, um espelho de corpo inteiro refletiu-a com o chique mas amorfo casaco comprido da Sra. Willets, que deixava à vista um pedaço das suas granulosas pernas nuas, acima das meias.

Eles faziam isto de propósito, claro. Punham ali o espelho para que os clientes tivessem de chofre a exata noção das suas carências e — esperavam eles — concluíssem que precisavam de comprar algo para alterar essa imagem. Se ela não tivesse entrado com um propósito fixo, e certa do que pretendia, um estratagema tão óbvio como aquele tê-la-ia feito dar meia-volta.

Ao longo-duma parede estava um expositor com vestidos de noite, todos concebidos para belas de baile, feitos de tule ou tafetá e em cores sonhadoras. E do outro lado, dentro duma caixa de vidro, fora do alcance de dedos profanos, viam-se meia dúzia de vestidos de noiva, de branca e pura espuma ou cetim em tons de baunilha, com rendas cor